

A METAPSIKOLOGIA DA PULSÃO DE APODERAMENTO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA

THE METAPSYCHOLOGY OF THE DRIVE OF POWER: CONSIDERATIONS ON THE PSYCHIC CONSTITUTION

Antonio Trevisan 1

Denise Sousa Lira Bertoche 2

Resumo: Parte-se do princípio que a metapsicologia ainda constitui um dos campos mais obscuros da epistemologia psicanalítica. Diante disto, esta proposta resgata a pulsão de apoderamento, apontando suas expressões num bloco de ações psíquicas, nomeadas aqui de Metapsicologia da pulsão de apoderamento, sendo primeiro, o apoderar-se do mundo para constituir-se, e depois a dominação, ambas operacionalizadas pelo amor e ódio. Para tal empreitada retorna-se à obra de Freud, atravessando os impasses intérpretes-tradutórios referente ao termo que origina a tradução, o *Bemächtigungstrieb*, atentando-se às observações de Piera Aulagnier. Como resultado, o estudo fornece uma posição teórica para releitura das forças originárias articuladas pelo amor e ódio, vias pelas quais tornam-se evidentes os aspectos da potência da pulsão de apoderamento.

Palavras-chave: Criação. Metapsicologia. Pulsão de Apoderamento.

Abstract: It is assumed that metapsychology still constitutes one of the most obscure fields of psychoanalytic epistemology. In view of this, this proposal rescues the drive for empowerment, pointing out its expressions in a block of psychic actions, named here Metapsychology of the drive for empowerment, being first, taking over the world to constitute itself, and then domination, both operationalized by the love and hate. For such an undertaking, we return to Freud's work, crossing the interpreter-translator impasses regarding the term that originates the translation, the *Bemächtigungstrieb*, paying attention to Piera Aulagnier's observations. As a result, the study provides a theoretical position for re-reading the original forces articulated by love and hate, ways in which aspects of the power of the drive to seize become evident.

Keywords: Creation. Metapsychology. Possession Drive.

1 Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura (pela UnB). Mestre em Psicologia (pela UFMS). Graduado em Psicologia (pela Unigran – Centro Universitário da Grande Dourados – MS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8066157849991456>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8251-0183>. E-mail: netogarcia8@mail.com

2 Mestranda em Psicanálise, Saúde e Sociedade (pela UVA - Universidade Veiga de Almeida – RJ). Graduada em Psicologia (pela Unigran Capital – Centro Universitário de Campo Grande – MS). Especialista em Psicanálise e Saúde Mental (pelo SEPAI- Instituto São Zacharias-RJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5262583447821450>. ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6918-6075>. E-mail: deniselirabertoche@gmail.com

Introdução

Partimos do campo freudiano conhecido como o bloco da Metapsicologia para revisar a especificidade do conceito de pulsão de apoderamento. Entretanto, esclarecemos que a Metapsicologia é abordada aqui, num conjunto de observações conceituais a respeito do aparelho psíquico, que Freud esboçou desde 1895 formalizando em 1915, e que versam sobre as pulsões, o funcionamento do prazer, dentre outros aspectos.

Em nosso recorte, consideramos que a maior complexidade da Metapsicologia se encontra nas definições de Eros e de pulsão de morte, principalmente no modo como elas se relacionam no inconsciente. Entendemos que este eixo continua apresentando inquietações, principalmente ao tratar-se desta última.

Cabe marcar que a pulsão de morte nos interessa inicialmente, para esclarecimentos quanto ao impasse conceitual do termo, *Bemächtigungstrieb*, que origina a tradução de pulsão de apoderamento. Sobretudo, porque houveram interpretações teóricas, como Cardoso (2002), Caropreso (2013), Efken (2017), que a compreendem numa espécie de versão da pulsão de morte, isto é, estaria em semelhança, posição da qual, assim como Trevisan, Vivès e Maesso (2022a) não compartilhamos

A divergência conceitual e tradutória encontra-se presente na escassez de teorização a respeito, o que nos levou a formular esta revisão, numa tentativa de fornecer mais esclarecimentos. Entretanto, sublinhamos que não foi sem razão, que o apoderamento foi ligado à pulsão de morte, já que foi abordado por Freud (1905/2016), como não sexual, deixando margem para deslocá-la ao vetor de *Thanatos*.

Por tais razões, retornamos ao pensamento de Freud, num exame mais cuidadoso, utilizando as contribuições da psicanalista Piera Aulagnier, pois entendemos que, a partir de seu postulado, é possível aprofundar as investigações sobre a pulsão de apoderamento, recorrendo às noções do amor e do ódio. Em consequência desta retomada, firmamos uma posição conceitual, distinta do modo como a questão foi observada até o momento, cujo caráter exclusivo é a dominação, incluindo em seu uso, a forma de pulsão de dominação.

Partindo deste ponto, apresentamos a Metapsicologia da pulsão de apoderamento: a qual consiste em ações das quais participam a apropriação/rejeição, a incorporação, a dominação, cujas operações são realizadas pela via do amor e do ódio, criando condições para o advento do sujeito. Nesta perspectiva, evidenciamos o quanto o trabalho do apoderar-se distingue-se da noção da pulsão de morte, da qual esta última, segundo Freud (1920/2020), seria uma força empenhada num suposto retorno ao estado original da vida.

Para demonstrar a composição destas ações, as organizamos da seguinte maneira: inicialmente, elucidamos o contexto histórico-tradutório do termo. Em seguida, sublinhamos dois pontos cruciais para seu desenvolvimento, cujo o primeiro é ressaltar a anterioridade do apoderar-se, em relação às outras pulsões, dos quais os motivos se mostram na obra de Freud (1905/2016). Já no segundo, tratamos das funções operacionalizadas pelo amor e ódio, partindo dos apontamentos de Aulagnier, acrescentando a temporalidade pulsional que especifica o apoderar-se.

Algumas considerações sobre a tradução.

No levantamento do estado da arte, notamos no Brasil a tradição tradutória realizada sob a nomeação de pulsão de dominação, referência posta em diversos dicionários, como Laplanche e Pontalis, (1967/1989) Kaufmann (1996), Roudinesco e Plon (1998). Porém, esta interpretação foi severamente criticada por White (2010), Trevisan, Vivès, Maesso (2022b), e Trevisan e Medina (2022), pois força uma adaptação reducionista da ideia freudiana, desconsiderando o contexto em que eles foram utilizados.

Embora a ideia de dominação esteja presente nas formulações de Freud (1913/2010), o qual incluiu até um aparelho, *Bemächtigungsapparat* traduzido como aparelho de dominação, localizado na função muscular, não se mostra suficiente para classificar sua ação.

Esta lógica demarca dois momentos fundamentais na construção do conceito, o primeiro

em 1905, atrelado a teoria da sexualidade, onde Freud (1905/2016), adjetivou como não sexual, participando de forma organizativa na vida pregenital, e a segunda, em 1920, quando observou o jogo *Fort-da*, de seu neto, insinuando o controle, inclusive num trabalho simbólico, como empenho da pulsão (FREUD, 1920/2020).

Em ambos momentos, a ênfase aparece sobre o termo *Bemächtigungstrieb*, que pode ser traduzido como apoderamento, uma vez que, sua composição gramatical carrega a partícula *macht*, derivado do verbo reflexivo *sich macht*, o que denota a ação de apossar-se, apoderar-se, legitimando a posição de apoderamento, e não dominação (HANNIS, 1996). No entanto, Freud (1920/2020), além do *Bemächtigungstrieb*, empregou *Bewältigungstrieb*, que implica em dominar a tarefa à força, ou superar.

Neste arrolamento, não negligenciamos o papel da dominação, sem, contudo, deixar de ressaltar sua importância na constituição psíquica, principalmente por sua ação sobre os estímulos ameaçadores causados pela realidade. O aferimento da insuficiência da dominação para sustentar uma tipologia pulsional, reside numa leitura interpretativa que reúne diversos elementos, e extrapola o campo da linguística gramatical e dos impasses da tradução.

Sobretudo, fundamenta-se nos pontos ressaltados por Freud permitindo destacar sua posição quanto ao empenho de uma força psíquica muito particular, que busca apreender traços da realidade material para manter seu fluxo de satisfação linear. Tais aspectos podem ser encontrados nas interpretações dadas pelo próprio Freud (1920/2020), quanto à sua análise da brincadeira do *Fort-da*.

A Metapsicologia da pulsão de apoderamento

É bem conhecida a trama dos conceitos e as dificuldades científicas de Freud (1905/2016, 1915/2010) para construir uma Metapsicologia. Entretanto, alguns autores como Assoun (1989/1991), Trevisan (2022), Trevisan, *et al*, (2022b), retomam as investigações de uma de suas partes, aquela sobre as pulsões, fornecendo a especificidade do apoderamento. Tais autores, enfatizam ainda que, a ação desta força, empenha-se na direção de apoderar-se, no sentido de obter poder e condições operatórias no mundo. Trevisan *et al* (2022b) ressaltou inclusive, um traço particular da referida pulsão, atribuindo a ela o caráter o epistemofílico, ou seja, o impulso para explorar o mundo

Para esclarecer o apoderar-se é necessário ressaltar seu *modus operandi*, isto é, uma posição temporal, por meio da qual institui seu circuito, lembrando que temporal aqui, tem um sentido lógico, e não cronológico. A despeito disso, Freud (1915/2010) já havia assinalado os tempos da pulsão como ativo, passivo, e a volta contra si, no qual localizamos, o terceiro, aquele de se-fazer, isto é, ocorre a apassivação. Desde as modalidades destacadas por Freud (1905/2016) como a pulsão oral e anal, notamos a condição apassivada, num tipo de se fazer, expressado na posição do se-fazer-comer. Já na fase anal, Freud (1913/2010) identificou a noção de se fazer-controlado, como uma ligação ao apoderamento.

Reencontramos no ensino de Lacan (1963-64/2008), principalmente em sua compreensão sobre as pulsões, incluindo a extensão deste terceiro tempo, sob a forma escópica, aquela do se fazer-visto, e na invocante, se-fazer-escutar.

A posição de ambos teóricos, tanto Freud como Lacan, sobre o terceiro tempo, expressaram a exigência de trabalho pulsional, numa volta a si para se efetivar, o que Lacan (1963-64/2008), chamou de circuito da pulsão, num tipo de vai e vêm. Tal premissa fortalece a ideia de que existe um empenho em manter em si o destino, do qual participa, em alguma medida, toda categoria pulsional. Em outros termos, indicamos que toda pulsão visa se-fazer satisfeita, e para isso exige um retorno, e o faz, na posição apassivada.

Diante dessas constatações, e da operação no terceiro tempo da pulsão, extraímos os princípios norteadores de sua atividade na constituição psíquica, até as formas com as quais o sujeito adoece, na expressão máxima da patologia pulsional, a compulsão à repetição. Mas esta última, numa via específica, aquela de controlar o circuito pulsional, por meio de seus representantes, se colocando no lugar de objeto, como no caso de algumas patologias, como a melancolia, e os

transtornos alimentares.

Podemos assim, partindo das ideias Aulagnier (1975/1979) quanto ao funcionamento arcaico da psique, propor no encontro, entre boca-seio, a ilustração simbólica, onde ocorre o exercício de apoderamento, cuja expressão primeira seria a incorporação do mundo, mesmo antes da divisão do Eu, e não Eu, que será *a posteriori*. Nesta experiência se forma nas zonas ditas erógenas, justamente o local no corpo onde é possível incorporar algo, ou seja, torna-se erógena à medida que há ali a transformação. Porém, para que tal condição seja criada, é preciso apropriação em algum nível dos elementos experimentados.

Ainda sobre este ponto, o impulso de incorporação, ou, como Simmel (1943/2022) chamou de pulsão de devoração, teria como principal objetivo a captura do mundo e os estabelecimentos de seus limites, buscando a autonomia sobre os estímulos, a fim de construir a homeostase, daí o princípio radical do termo domínio. Aulagnier (1975/1979) demonstrou a mesma lógica, com seus esforços para dizer de um registro psíquico na relação com o mundo, realizado por meio das sensações, o qual nomeou de Pictograma. No mesmo sentido, Anzieu (1989/2000) situou a operação anatômica do corpo, num exercício realizado na função da pele, como veículo realizador da captura da experiência.

Tanto Aulagnier (1975/1979), quanto Anzieu (1989/2000), observaram que, embora haja o estímulo do mundo sobre o corpo do bebê, há internamente uma atividade que não corresponde à homogeneidade do mesmo. No entanto, Aulagnier (1975/1979), nomeou de autoengendramento, a atividade da autocriação, realizada pelo registro psíquico que se apropria da experiência para forjar respostas internas, o que localizamos sob o rol da ação do apoderamento.

Podemos dizer que o auto engendramento é produzido pela força pulsional, cujo empenho consiste numa produção psíquica estabilizadora para seu aparelho. Neste postulado, a alucinação seria um exemplo, uma vez que, o bebê não alucina o seio, mas alguma coisa da experiência com o seio.

O ponto vital, e fundamentalmente ilustrativo sobre a pulsão de apoderamento, em sua manifestação corporal, está naquilo que Aulagnier (1975/1979), chamou de metabolização, que nada mais é do que a operação da anatomia em continuidade aos processos psíquicos. Na vivência metabólica, o corpo tem a função de informante do contato com o mundo, e a diferença que nele encontra.

Ainda, sobre estes processos originários da vida psíquica, houveram tentativas de elucidar seu funcionamento, como Aulagnier (1975/1979), Abraham (1924/1970), observadores da fase sádico-oral, localizando a agressão diante da impossibilidade de obter o controle, influenciando a teorização de Klein na década de 1930. Para tornar claro o estudo é indispensável delimitar o que compreendemos como originário. Assim, tomamos a definição de Mijolla-Mellor, (2005, p. 1324), a qual, “designa-se por originário o conjunto de representação produzidas à margem da vida psíquica, quando esta se encontra ainda aquém das diferenciações interno/externo ou psique soma”, acrescentando, ainda que: “o originário não se confunde com a origem, (filogenia, vestígios de eventos traumáticos) da vida fantasmática, mas constitui sua primeira expressão, com seus conteúdos e sua lógica próprios”.

Mediante tal assento avançamos quanto ao apoderar-se. A este propósito, Freud (1914/2010, 1920/2020, 1923/2011), indicou o exame atento à biologia para evitar as aporias teóricas, e advertiu sobre a necessidade de observar minuciosamente o corpo, seu funcionamento, as células e a atividade muscular.

Freud (1920/2020), deixou menções sobre a anterioridade da fundação do princípio do prazer, que para nós tem valor epistêmico sobre a ação do apoderar na constituição da psique: a) “Assim nos permitem vislumbrar uma função do aparelho psíquico, que, sem contrariar o princípio do prazer, é independente dele, e parece mais primitiva que a intenção de obter prazer e evitar desprazer (1920/2020, p. 143), b) “Até então, porém, a outra tarefa do aparelho psíquico, controlar ou ligar a excitação, teria precedência, não em oposição ao princípio do prazer, é certo, mas de forma independente dele, e sem consideração por ele, em parte” (p. 146). c) “Se querer restaurar um estado anterior é realmente uma característica universal dos instintos, não podemos nos admirar de que na psique tantos processos ocorram independentemente do princípio do prazer” (p. 169), e por fim, ao referir-se ao jogo do *Fort-Da*, Freud assinalou que “tal empenho poderíamos

atribuir a um impulso de apoderamento, que passou a não depender de que a recordação em si fosse ou não prazerosa” (p. 129), balizando um certo poder sobre as excitações.

Freud, incluiu a tratativa do domínio em seu Projeto (1895/1996) formulando as noções basais sobre o aparelho psíquico, com a gênese de um princípio, chamado de inércia, e que mais tarde se chamará princípio de constância, ou seja, do prazer. A pesquisa de Freud aferiu a participação biológica frente aos processos excitatórios, articulando suas ações como respostas ao meio externo, introduzindo a noção do Eu. Neste ínterim, Freud (1895/1996), notou o exercício do aparelho muscular, para fazer, então, a ponte à esta energia psíquica que é manifestada com as excitações.

Utilizando a ideia de domínio presente no *Bemächtigungstrieb*, a qual Freud (1905/2016, 1913/2010, 1915/2010, 1920/2020) usou com mais frequência, entrevemos a função do Eu, como aquela que destina as excitações, que por sua vez, deveria ter força suficiente para apossar-se e manter o controle sobre as exigências de satisfação. O mesmo foi notado por Grunberger (1959), pioneiro na abordagem da pulsão de apoderamento, tradutor do alemão para o francês, usando a forma de *pulsion d’emprise*. Para ele, o Eu torna-se forte o suficiente para controlar o mundo interno, usando a pulsão que retém em si, e isto lhe confere poder para não sucumbir ao caos do mundo (TREVISAN, 2022).

Para a inquietação de Freud quanto ao regime dos poderes inerentes às pulsões, observamos que o objeto revela em parte a estrutura em que foi obtido pelo controle. Isto se manifesta de modo mais consistente, naquilo que conhecemos por segunda tópica freudiana, uma reformulação sobre o aparelho psíquico, compondo o inconsciente na versão do Isso, do Eu, e do Supereu, onde cada um tem uma função articulada ao outro.

Num propósito elucidativo Freud (1923/2011) chama de êxito na constituição psíquica, quando o Eu se sobrepõe ao Isso, e tem poder para redistribuir suas ações, incluindo a atividade do Supereu, ao exercer algum tipo de poder sobre as atividades, evitando ser tomado totalmente por suas exigências de satisfação. Ao passo que a patologia, ou o adoecimento do sujeito, consiste na impotência do Eu diante de tais exigências, agora, impostas também pelos ideais supereóicos.

Para fornecer outros indícios da dinâmica desta força, retomamos seus operadores originários, representados pelo amor e ódio. Articulamos esses afetos como dispositivos da pulsão de apoderamento, já que Freud (1920/2020) também nos alertou que ambos, só se distinguem no início da adolescência. Sob as orientações de Freud, e na retomada teórica de Aulagnier (1975/1979), localiza-se os fundamentos para reler a ação do apoderar-se na subjetividade do humano.

O Amor e ódio operadores do apoderar-se

Para compreender como o amor e ódio operam no apoderamento, é necessária uma breve introdução a respeito. Os fenômenos decorrentes do amor e do ódio são de extrema importância para elucidar o funcionamento do inconsciente. É salutar demarcar que para Freud (1905/2016, 1915/2010, 1920/2020), o amor e o ódio não são forças antagônicas no início da vida psíquica, e que o ódio está a serviço da pulsão de vida, inicialmente. Não é à toa que Freud escolhe a palavra *Eros* para designar a pulsão de vida, o que faz uma ligação direta entre o amor e a pulsão. Lembremos que *Eros* decorre da literatura grega como deus do amor, que organiza o espaço à sua volta, e a ordem das coisas no mundo (FERREIRA, 2004).

Então vejamos a ação desses dois elementos, tendo a mesma direção no início da vida, preservando o funcionamento do aparelho. A entrada do bebê no mundo produz uma série de estímulos que lhe são desconhecidos, os quais, por sua vez, causam diversos efeitos no seu corpo. Para alguns teóricos, como Rank (1924/2016), e até mesmo para Freud, haveria nisso uma espécie de trauma do nascimento, isto é, uma experiência que não pode ser representada.

Tendo como consequência os altos níveis de excitações fisiológicas, que segundo Freud, são nocivos à própria existência, exigindo como resposta defensiva para manter os níveis mais baixos possíveis, fundando do princípio do prazer (FREUD, 1905/2016).

Na condição bastante primitiva do psiquismo, e do frágil corpo do bebê experimentando o caos do desconhecido, produz um tipo de resposta endógena para tratar destas ameaças, que Freud (1905/2016) abordou nas expressões de dominação, ou seja, a resposta interna precisa

dominar, controlar a excitação, redistribuí-la, diminuindo a tensão

Chamamos atenção ainda quanto à atividade do apoderar-se presente na constituição psíquica, designada em particular pela extensão amor e ódio. Sobretudo, porque quanto ao amor, existe atração para tomar para si, apropriar-se, isto é, um investimento na tomada de algo, o empenho a empossar-se, ou nos termos de Freud (1925/2011), o incorporar, para então, exercer poder. Este movimento seria uma tentativa de diminuir as excitações tornando parte de si.

Já, quanto ao ódio, atua naquilo que não se pode incorporar, e/ou tomar para si, logo, ele funciona como força dissipadora daquilo que lhe escapa o controle, expressando-se por meio da destruição, e da negação (DIDIER-WEILL, 1997, 2010), e até da agressão.

Assim, sustentamos nossa releitura sobre a atividade da pulsão de apoderamento e sua anterioridade. Ainda no exame destas funções anteriores ao princípio do prazer, sublinhamos a função do ódio como defesa, a qual Freud notou por meio da crueldade.

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga (FREUD, 1905/2016, p. 136).

Trevisan *et al* (2022b), reitera a posição de Freud (1905/2016) sobre a crueldade, destacando seu papel, na versão sexual da pulsão de apoderamento, isto é, seu regime de prazer, e sua ligação com a performance libidinal, possibilitando a transformação do amor em ódio.

Deste ponto em diante, articulamos o amor e o ódio como atividades expressadas no aparelho muscular, na função de apropriação ou rejeição do mundo, constituindo os alicerces para sustentação do Eu.

Ao se referir aos momentos pertinentes ao processo do originário, Aulagnier (1975/1979) demarcou diversas ações atribuídas a Eros, que para nós, coincide diretamente na ação do apoderamento, vejamos: a) “para que toda a atividade psíquica seja possível é necessário que ela possa se apropriar, ou incorporar uma matéria exógena (p. 35); b) “a psique toma empréstimo das funções sensoriais do órgão para a produção pictográfica” vemos nisso uma maneira freudiana de citar a função do aparelho de dominação, o muscular, como fonte de acúmulo das sensações e portanto informações libidinais; c) “o apropriar-se e o rejeitar como fundamento da oscilação do organismo” (p. 50). No mesmo sentido, Mijolla-Mellor (2005, p. 1388), afirmou que o pictograma formulado por Aulagnier ilustra a dimensão mais primitiva especulada no originário, compreendido sob a perspectiva de que:

o pictograma é uma representação que versa sobre uma ação instantânea (tomar para si/rejeitar), e cuja particularidade principal, nessa fase de desenvolvimento da psique que ignora o fora-de-si, é a relação especular de que ele é feito. A teoria do originário pode ser aproximada do que Freud escreveu a propósito das linhas gerais da operação judicatória que chega ao julgamento da existência a partir de uma avaliação da qualidade boa ou má do objeto. (MIJOLLA-MELLOR, 2005, p.1389)

A abordagem construída por Aulagnier, constitui uma extensão das concepções freudiana, servindo de apoio para a Metapsicologia, neste caso, do apoderar-se. Além destes postulados, tal posição reafirma a noção deixada por Freud (1905/2016) quanto ao ódio, e isso nos interessa à medida que demonstra a atividade da pulsão em questão.

O trabalho de Aulagnier (1975/1979) permite visualizar os processos que Freud não esmiuçou, dada à complexidade dos conceitos que desenvolvera. Embora os aspectos da

ambivalência pulsional, conjugados nas ações em construir e desconstruir, proteger e agredir, entre produzir a vida e a aniquilá-la, não tenham sido tão enfatizadas, encontramos por meio deles a expressão mais clara da força pulsional operatória na constituição do psiquismo.

Mais precisamente, localizamos tanto para Freud quanto para Aulagnier, o ódio como primícia na vida psíquica, ou seja, no nascimento do sujeito psíquico. Mas porquê? Primeiro, porque neste tempo da vida ainda caótica e informe, o corpo biológico experimenta as oscilações do mundo e de sua instabilidade, o que produz a sensação de desprazer, ao elevar os níveis de excitabilidade interna.

Ainda num exame mais detalhado do processo de metabolização, sublinhamos que “o trabalho solicitado à psique consistirá em metabolizar um elemento de informação que vem de um espaço que lhe é heterogêneo, em um material homogêneo” Aulagnier (1975/1979, p. 42). Com agudeza na definição do ódio temos, então, a seguinte lógica: o ódio é uma forma de preservar o material homogêneo, ou seja, com isso exercer domínio e estabilidade, incluindo a característica de erradicar qualquer apresentação que faça com que ele tenha que buscar outra coisa.

Sobre estas afirmações situamos o ódio radical, o desejo e a pulsão de morte. O ódio, então, se revelaria ao apego de manter-se na condição apaziguada, longe das excitações e riscos que os objetos, por sua fissura, apontam ao movimento de ter que desejar. O desejo de não desejar é a máxima freudiana nomeada por Aulagnier, (1975/1979) que evidencia a proposta de Freud sobre a tendência da vida pulsional, isto é, o desejo de retorno ao inorgânico, lugar desertificado de objeto e, portanto, sem representantes de desejo. Nesta tarefa pode até surgir a dimensão secundária do ódio, em sua tendência destrutiva, mas motivado por seus fins, ou seja, extinguir o desejo.

As ordenações que Aulagnier propõe sobre o funcionamento do ódio e do amor, operando no originário, revelam o trabalho do apoderamento. O avanço da autora permite, não apenas visualizar a ação da incorporação, como meio de apoderar-se, mas também os aspectos da dominação.

Freud introduz o amor e ódio elucidando a dinâmica das oposições pulsionais, servindo para investigar sua montagem, afirmando que “a transformação ocorre por meio de um deslocamento reativo do investimento, quando se subtrai energia do impulso erótico e se introduz energia no impulso hostil” (FREUD, 1923/2011, p. 54). Mas porque haveria um câmbio nesse investimento? O que organiza a troca de adição ou subtração dos impulsos? Algo da forma de existir coloca-se em jogo.

Para mais esclarecimentos quanto a essa questão Freud, recorreu aos estudos de A. Weisman o qual afirmou que a substância viva possui uma metade mortal e uma imortal. Na interpretação freudiana, a mortal refere-se ao corpo, ou seja, a soma, sujeita à morte natural, mas quanto as imortais, declara o seguinte:

As células germinativas são *potentia* (potencialmente), na medida em que são capazes de em certas condições favoráveis desenvolver-se num novo indivíduo, ou espero de outra forma, rodear-se de um novo sistema (FREUD, 1920/2020 p. 214)

Enquanto dimensão imortal, entendemos a condição da pulsão para a criação além do próprio corpo, como por exemplo a fantasiação, ou delírio como ato de criar corpo, e na própria idealização que eterniza a experiência corpórea, ou propriamente a realidade psíquica. Notamos assim, que Freud mantém o valor dessa afirmação, e em muito se aproxima do caráter imortal da força criadora, ou, o que Aulagnier (1975/1979) toma como auto engendramento. No entanto, Freud recorreu a processos biológicos para explicar a coexistência das oposições pulsionais, afirmando que:

De acordo com a teoria de E. Hering, na substância viva operam ininterruptamente dois tipos de processos, em direções opostas, uns construtivos, anabólicos, os outros, destrutivos, catabólicos. Podemos ousar reconhecer nessas duas direções dos processos vitais, a atividade de nossos dois movimentos instintuais, dos instintos de vida e instintos de morte (interrogação). E há outra coisa que não podemos ignorar: que inadvertidamente adentramos o porto da Filosofia de

Schopenhauer, para quem a morte é o autêntico resultado e, portanto, objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade da vida. (FREUD, 1920/2020, p. 217)

Assim como Freud, Aulagnier também utilizou como guia na explanação da constituição da psique, quando se refere ao empréstimo somático e outras expressões similares, ou mesmo a noção de metabolização. Freud (1920/2020) ao deparar-se com a suposta oposição das pulsões, ou seja, com suas metas contraditórias, destacou sua ação na fisiologia. Recorrendo à teoria de E. Hering, para retratar os processos construtivos, anabólicos, e os destrutivos, catabólicos, numa ação demonstrativa das pulsões, de vida e de morte, respectivamente. Freud (1923/2011) fez menção do campo orgânico, onde atuam as forças psíquicas, sobretudo, enfatizando o próprio órgão. Atentemos para a colocação de Freud:

A cada uma dessas duas espécies de instinto estaria associado um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação anabolismo e catabolismo, em cada fragmento da substância viva estariam as duas, mas em mistura desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros. Ainda não podemos conceber de que modo os instintos das duas espécies se ligam, se misturam, amalgam uns com os outros, mas que isto sucede regularmente e em larga medida é uma suposição inescapável de nosso contexto (FREUD 1923/2011, p. 53).

Admitimos que a contribuição de Aulagnier (1975/1979) é nomear o ódio como desejo, seu objeto e sua direção, coisa que Freud (1920/2020, 1923/2011) deixou nas entrelinhas. No entanto, tomamos a noção freudiana, acrescida dos postulados de Aulagnier (1975/1979), em sua abordagem das experiências que poderiam ocorrer nas origens da vida psíquica. Deste modo, o amor e ódio são expressões, instrumentos que vetorizam a força para apoderar-se do mundo, e poder para operá-lo, da qual a fantasia será a roupagem, como continuação ao campo de domínio.

Contudo, não podemos deixar de destacar que ao nomear o ódio como radical, no sentido de desejo de não desejo (AULAGNIER, 1975/1979), existe um traço de desejo, mesmo no ódio, e, portanto, uma fissura que seria o centro de todo desejo. O desejo de não desejo tem implicações tanto nos aspectos quantitativos, como nos qualitativos em termos pulsionais. Uma vez que esta meta, a de erradicar o objeto, a fim de extinguir qualquer alteração em seu movimento, é por excelência inalcançável, o que justifica a afirmativa de que a satisfação toda é impossível.

Abordando de outro modo, temos o seguinte: o ódio como desejo de não desejo visa a extinção do espaço, que está presente no objeto e no Eu, os quais são representantes do desejo de desejar. Enquanto o amor tem como fonte incansável o vazio, no qual se pode ligar as coisas.

O apoderar-se na constituição psíquica.

Inicialmente Freud (1914/2010) mencionou a primazia do ódio na vida psíquica, Aulagnier (1975/1979, p. 32) reiterou a posição, admitindo a “dualidade inicialmente presente na energia operante no espaço psíquico, e que é responsável pelo que definimos como desejo de não desejo: desejo de não ter que desejar - tal é a meta própria de todo desejo”.

Nesta esteira, o ódio aparece primordialmente objetivando a preservação por maior tempo possível da estabilidade. Por esta razão mantemo-nos ao lado de Freud, descrevendo o ódio num tipo de preservação, portanto guerreiro de Eros, ao evitar/aniquilar a ameaça vital. Referindo-se a tal intenção Freud esclareceu que:

O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os

instintos auto preservativos, de modo que os instintos sexuais e os do ego possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os instintos do ego dominam a função sexual, como é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também à finalidade instintual (FREUD, 1914/2010, p. 161).

Compreendendo *a priori*, que o ódio está posto a serviço da conservação, e num segundo momento que ele poderá funcionar de outro modo, mais avizinjado à pulsão de morte, a qual dará diversos sinais sob o nome de desejo de destruição, retorno ao inorgânico, a extinção da vida. Para aprofundar a ação deste ódio radical, operando a favor da vida, Aulagnier, afirma que:

Daí resulta originário, a atividade psíquica forjará duas representações antinômicas da relação entre o representante e o representado, cada uma conforme a realização de uma das metas do desejo. Uma primeira, na qual a realização do desejo comporta um estado de reunificação entre o representante e o objeto representado e será esta união que aparecerá como causa de prazer vivido. Uma segunda, a qual a meta do desejo será o desaparecimento de todo objeto que possa suscitar-lo, o que faz com que toda a representação do objeto apareça como causa de desprazer do representante (AULAGNIER, 1975/1979, p. 40).

Relemos neste ponto, o processo de incorporação, no qual se engendra os objetos. Avistamos assim, uma das ações metapsicológicas da pulsão de apoderamento no nascimento do sujeito psíquico, como a força inclinada à criação, incluindo a ambivalência que circula entre o amor e ódio. Nesta composição, a ambivalência será imprescindível, pois constitui o movimento originário que fará surgir o sujeito, unindo o que é possível, na apropriação/incorporação, localiza-se a ação do amor, a extensão do outro eixo, rejeitando a diferença que causa descontinuidade para o funcionamento, e assim, aciona um trabalho excessivo que a psique rejeita, a ação do ódio.

Em tal exame abordamos o traço do apoderamento numa particularidade, cuja performance visa fundar o lugar para existir, isto é, condições para se fazer sujeito. De tal modo, temos a expressão de que o desejo de incorporar ou não, seria uma forma de expressar o trabalho da pulsão de apoderamento, operacionalizada pelo amor, quando possível, e o ódio, quando não se pode operar.

As ressonâncias clínicas do apoderar-se

Para além da revisão teórica, incluímos as incidências desses pressupostos na práxis analítica, e que seriam fragmentos das origens que constituíram o sujeito, apresentando diretamente sua montagem pulsional para existir na relação com o outro. Na prática clínica do tratamento das neuroses, observamos os fenômenos do amor, principalmente naquele que se configura como paixão.

Nesta modalidade, a posição do sujeito amante é colocar o outro no lugar do objeto, para se fazer-ser, isto é, apassivando e apaziguando suas exigências de satisfação, realizando na tendência de incorporar, devorar, controlar o outro, na qual constitui expressão da pulsão do apoderamento, em sua vértice adoecido, na condição do excesso (FERREIRA, 2004). Nisto está a face da paixão que faz surgir o ódio como uma ligação, às avessas, quando o controle ou seu poder não se efetiva sobre o outro, isto é, não pode aprendê-lo.

Por tais razões é frequente nos consultórios psicanalíticos as queixas devastadoras quanto aos desencontros amorosos, e as relações afetivas, cuja tragédia se desenha nas repetições, nas violentas insistências, e na impotência do Eu, implicando numa degradação, ao preço de devastações imensuráveis, caso permaneça a impossibilidade ou falha nessa tarefa.

Torna-se possível, interpretar nesses casos amorosos, caracterizados por investimentos libidinais extremistas, a evidência do desejo de posse do outro, como uma reativação de se-fazer sujeito, tomando o outro para si, que é uma expressão rudimentar do apoderar-se, noticiando sua

ação pela via amorosa.

No entanto, sublinhamos que tal dimensão é predominantemente multifacetada pelo imaginário, onde se pratica a crença da existência do objeto inalcançável, lógica aproximativa da alucinação, uma vez que, cria a realidade psíquica produzindo uma volta a si. Nesta perspectiva, o que se almeja é tornar-se sujeito acoplando a si o ser objetalizado do Outro, assim o neurótico determinado em sua busca de satisfação encontra via de extensão de seu domínio.

Nossa hipótese para a metapsicologia da pulsão de apoderamento, verifica-se naquilo que Freud (1913/2010) anunciava já na característica herdeira da experiência oral. O autor metaforizou no mito do canibalismo, uma condição para que o sujeito possa vincular-se ao outro, onde é necessário tomar para si partes dele, ou seja, este é o trabalho da pulsão.

Nossa formulação sobre amor-paixão não visa apontar somente a conectividade do sujeito com o mundo, por sua posse ou incorporação do objeto, e parte do outro. Neste dispositivo teórico, o Eu assume o protagonismo e passa a nutrir-se desse objeto a fim de, como tentáculos, evitar qualquer tentativa de perder o controle como se pode ver, o Eu fortalecido evita encontrar o espaço do vazio, revelando as direções de *Eros* e *Thanatos*, na qual a perda imaginária, deixa o sujeito desbussolado em sua existência.

A guisa de conclusão

A partir da revisão sobre a pulsão de apoderamento, fornecemos marcações que reabrem a discussão sobre seu conceito, para incluir nela, pontos inobservados da atividade originária, principalmente sobre o apoderar-se na constituição psíquica, - e não apenas na brevidade da pulsão de dominação, como expressão continuada da pulsão de morte. Sublinhamos ainda a forma operacional, desta categoria pulsional, centrada no terceiro tempo da pulsão, conhecido como volta-a-si, ou apassivação, na via possibilitadora no advir do sujeito.

A discussão permitiu propor um bloco de ações do apoderar-se que nomeamos como Metapsicologia da pulsão de apoderamento, das quais participam a incorporação, a apropriação/rejeição, criação, em consequência do empenho da força para se-fazer existir, em seu ímpeto primeiro. Por fim, apoiados no postulado de Freud e Aulagnier, indicamos que o amor e o ódio são dispositivos fundamentais para ilustrar o movimento insistente do se fazer.

Referências

ABRAHAM, Karl.(1924) **Teoria psicanalítica da libido**: Sobre o caráter e o desenvolvimento da libido. Rio de Janeiro:Imago,1970.

ANZIEU, Didier (1989) **O Eu-pele**. Ed. 2 São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

ASSOUN, Paul-Laurent.(1989) **Freud e Nietzsche**: Semelhanças e dessemelhanças. Brasiliense, 1991.

AULAGNIER, Piera. (1975)**A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado** - Rio de Janeiro: Imago, 1979.

CARDOSO, Marta, Resende.Violência, domínio e transgressão. **Revista Psychê**, Vol 6(10), pp. 161-171, 2002. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30701010> Acesso em 13 Maio de 2022.

CAROPRESO, Fátima. Pulsão de morte, trauma e limites da terapia para Freud. **Analytica: Revista de Psicanálise**, Vol 2, n. 2, 2013. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972013000100004&lng=pt&tlng=pt Acesso em 20 de Jun 2022

DIDIER-WEILL, Alain. **Os três tempos da lei**. Jorge Zahar, 1997.

DIDIER-WEILL, Alain. **Un mystère plus lointain que l'inconscient**. Paris. Aubier, 2010.

EFKEN, Pedro. Henrique. Oliveira. A dimensão de domínio na constituição do Ego. **Revista Subjetividades**, vol 17, n. 1, 2017. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_artt_ext&pid=S2359-07692017000100003 Acesso 10 Set de 2022

FREUD, Sigmund. (1895). **Projeto para uma psicologia científica** IN: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Obras Completas, Vol 6, Trad. Paulo Cesar de Souza São Paulo, Ed Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1913) **A predisposição à neurose obsessiva** In: Obras completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia [“O caso Schreber”], Artigos sobre a técnica e outros textos. 1ª Edição- São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1914) **Introdução ao narcisismo** In: Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1915). **Os instintos e seus destinos**. In: Obras completas, volume 11: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

FREUD, Sigmund. (1920) **Além do princípio de prazer**. In M. R. S. Moraes (Trad.), Obras incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio de prazer [Jenseits des Lustprinzips. Belo Horizonte. Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund (1923). **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos** In: Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. tradução Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. (1925). **A negação** In: Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos. tradução Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das letras, 2011.

GRUNBERGER, B. **“Estudio sobre la relación anal-objetal”**, in El narcisismo, Buenos Aires, Editorial Trieb, 1959.

HANNS, Alberto, Luiz. **Dicionário comentado do Alemão de Freud**. Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1996.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: O legado de Freud a Lacan**. Jorge Zahar, 1996.

LACAN, Jacques. (1963-64) **Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

LAPLANCHE, Jean, & PONTALIS, Jean. -Bertrand. (1967). **Vocabulário de Psicanálise** (P. Tamen, Trad.) Martins Fontes, 1989.

MIJOLLA-MELLOR, Sophia. Pictograma, IN **Dicionário internacional de Psicanálise** Imago, 2005.

FERREIRA, Nadiá Paulo. **A teoria do amor na psicanálise** / Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

RANK, Otto. (1924) **O trauma do nascimento**: E seu significado para a psicanálise. 1ªEd. Cienbook. 2016.

ROUDINESCO, Elizabeth, & PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Jorge Zahar, 1998.

SIMMEL, Ernst. (1943). **A autoconservação e a pulsão de morte**. Artes & ecos, 2022.

TREVISAN, Antonio. A retomada da pulsão d'emprise. **Psicanálise & Barroco Em Revista**, Vol. 19, n. 2, 2022 Disponível em <http://www.seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/11769> Acesso em 15 de Set 2022

TREVISAN, Antonio, MEDINA, Roberto. Uma leitura crítica sobre a tradução de “Pulsão de Apoderamento” – Bemächtigungstrieb **Rev. Qorpus**. Vol 12 n. 4 2022. Disponível em <https://qorpuspet.paginas.ufsc.br/files/2022/11/Qorpus-v12-n4-Antonio-Trevisan-artigo.pdf> . Acesso em 23 dez 2022

TREVISAN, Antonio., VIVÉS, Jean-Michel, & MAESSO, Márcia. Por que precisamos diferenciar a pulsão de apoderamento da pulsão de morte? Vol 4, n. 2, 2022a. **Rev Psicop. Lat. Fund.** Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/NDFjn3v7b6BBJ9KdrkFVjmv/?lang=pt> Acesso em 15 mai 2022.

TREVISAN, Antonio., VIVÉS, Jean-Michel, & MAESSO, Márcia. Cristina. Sobre a justificativa em separar a crueldade da dimensão epistemofílica da pulsão de apoderamento. Vol 2, n. 1, 2022b. **Natureza Humana - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise**. Disponível em <http://revistas.dwww.com.br/index.php/NH/article/view/533> Acesso em 20 out 2022.

WHITE, Khaty. *Notes on 'Bemächtigungstrieb' and Strachey's translation as 'instinct for mastery*. **Int Rev Psychoanal**, Vol 91, n. 4: 2010. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/j.1745-8315.2010.00354.x> Acesso em 03 Set 2022.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.